**RESENHA DO DOCUMENTÁRIO “13ª EMENTA”**

**Disciplina:** Ética e Legislação

**Aluno:** Mateus Emanuel Andrade de Sousa **Matrícula:** 427583

O documentário 13ª Ementa se refere a constituição que aboliu a escravidão e o trabalho forçado nos Estados Unidos, um estopim de reviravoltas de cunho político que tirou a dignidade da população negra e jogou nas margens da discriminação racial, resultando no aumento exponencial de detentos que inclusive acabou intitulando o país como a maior região carcerária do mundo. Uma brecha que a constituição deliberou foi que a liberdade era garantida a todos exceto aqueles considerados criminosos. Se aproveitando disso a política legislativa americana começou a implantar estratégias de manipulação que intensificaram a supremacia branca e a marginalizavam da nação negra, dando assim espaço para atos de injúria e massacres disfarçados como atitudes constitucionalmente corretas.

Desde o fim da Guerra Civil com a implantação da emenda ocorreu uma transição para um tipo de mitologia retórica que associava todo negro a um ser de pura violência, a imagem de um homem ganancioso, louco e ameaçador, a personificação do crime. Com a disseminação cinematográfica e a mídia de comunicação em massa, a mitologia corrompida da população negra se espalhou em proporções gigantescas, despertando nas na américa uma verdadeira bomba de intolerância generalizada. Diferente do que as pessoas acreditavam, os afro americanos não se espalharam pela população estadunidense como imigrantes e sim como refugiados do terror, isso provocou uma insegurança sem precedentes chegando a causar medo em si mesmos.

Como se não bastasse anos e anos de segregação explícita, começaram a surgir leis que rebaixaram negros a uma sociedade de segunda classe, um fardo de perda da maioria dos direitos civis existentes e um regime completamente fora de série que dividiu mais ainda as opiniões da população americana. Ativistas dos direitos humanos que manifestavam contra essa disparidade racial foram adicionados a cota de criminosos violadores da lei, era praticamente impossível não aceitar a imposição dominante do governo, ou você aceita essas condições ou será condenado injustamente. A propósito no caso de uma pessoa branca a pena era menor ou deixava de valer para o acusado. Maltratar ou pior, matar um negro virou sinônimo de defesa a democracia americana.

O percentual de criminalização se ergueu ao mesmo tempo que movimentos minimamente esperançosos de igualdade começaram a se espalhar pelos direitos civis, algo que se tornou fácil para a política disfarçar fazendo acreditar que essas ações pacifistas acabariam de vez com a criminalidade negra. Foi com toda essa máscara política que o sistema prisional se manteve instável durante o século XX, o que mudou nos anos 70 quando as consequências de todos os massacres anteriores vieram à tona, o chamado encarceramento em massa.

Foi nesse momento que também surgiu a política da lei e ordem, uma metodologia disfarçada de guerra contra a criminalidade generalizada, mais explicitamente referente a sombra implantada na imagem da comunidade negra. O foco da guerra contra as drogas era prender negros, isso é o que o partido republicano dos EUA promovia, o que deu margem para um caos ainda maior que dobrou a violência no país, a do governo de Ronald Reagan que transformou o uso de drogas em uma questão de recursos provisórios. Aqueles que recorriam a esses entorpecentes pertenciam a classe pobre, já aqueles simplesmente diziam não eram pessoas puras. Como a desigualdade, negros passaram a ser ligeiramente segregados como traficantes, além da pena severa de prisão perpétua que os colocava de trás das grades enquanto brancos saiam com tapas nas costas.

Percebe-se que é inviável pensar na cultura política estadunidense sem a questão racial no meio da história. Impactos dos governos anteriores transformaram o tráfico de drogas em programas da cultura popular americana, um desfile diário excessivo de negros algemados em rede nacional. A realidade é que nenhuma pessoa branca entende ou tão pouco entenderá o desafio que é ser uma pessoa negra nos Estados Unidos, não se resume apenas a uma questão de superação ou luta de reconhecimento próprio, se trata de um apelo profundo de respeito, de igualdade e de um lugar seguro que não tire a dignidade de ser humano, fator no qual poucos tem a oportunidade de conquistar e mesmo os que alcançam não perdem a chance de os representar.

Mesmo nos momentos mais difíceis, a população negra aguenta as atrocidades que sua cor de pele atrai diante do militarismo americano. Um caso marcante recente do século XXI que mexeu com o mundo foi a morte de George Floyd, um afro-americano assassinado por espancamentos de um policial que o acusou de supostamente ter falsificado uma nota de vinte dólares. A atitude brutal do policial evidenciou a intolerância racista da proteção nacional do país, o fato de ser um negro é reflexo de agressão descomunal, pecado em forma de ser humano. Essa é a mentalidade que aparentemente as pessoas que deviam proteger descarregam em estereótipos de impureza americana. É realmente complicado não pensar em extermínio na nação americana sem lembrar de atitudes como essas, chega a ser uma coisa cansativa, tentadora, que fica martelando a convivência social.

Quando alguém se esforça para criar reformas, o que acaba ocorrendo é mais repressão e condenação presidiária. O tratamento nas celas é o mesmo do contrabando animal dentro das florestas, o indivíduo some da sociedade e em caso de liberdade chega a retornar pior do que antes do processo de marginalização penitenciário. Pessoas estão presas pelo fato de serem pobres demais para pagar pela liberdade e ao serem detidas se tornam escravos do estado que os perseguem até que aceitem a opressão imposta dentro da lei. Se as drogas são um sintoma da marginalidade negra, a penitenciária é uma escola de criminalidade em massa. Nada está acima da lei, nem mesmo os valores humanos, é preciso uma reformulação ética severa nesse sistema pois ela se mostra o retrocesso do que representa, ou seja, na prática não passa de um regime de extinção humana tanto no sentido físico como psicológico. Enquanto existir desigualdade a onda populacional em sua constante alta vai empurrar pessoas para aglomerações em celas penitenciárias. Muitos clamam por justiça, mas ela tem que valer tanto para quem trabalha quanto para indivíduos que por situações adversas tem seu desenvolvimento social interrompido.